

UALALAPI OU A FICCIONALIZAÇÃO DO CONFLITO ARMADO FRELIMO X RENAMO – NGUNGUNHANE COMO REPRESENTAÇÃO DE SAMORA MACHEL

João Antônio Batista Bortolotti*

RESUMO

O presente artigo objetiva interpretar o significado político da obra literária *Ualalapi* (1987), livro de estreia do escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa. A título de aumentar sua legitimidade enquanto entidade política à frente do Estado, face à dura oposição militar operada pela Renamo, o então presidente de Moçambique, Samora Machel, líder da Frelimo desde 1970, intenta a construção urgente de uma identidade nacional moçambicana a partir da recuperação e ressignificação da figura de Ngungunhane, antigo soberano do Estado de Gaza. O processo de atribuir novo significado político a Ngungunhane e transformá-lo no mais antigo herói nacional, aproximado do próprio Samora Machel, não se deu sem considerável dose de violência e políticas autoritárias, visando apagar o “tribalismo”, deixar de lado valores étnicos em nome de criar “cidadãos moçambicanos”. Com isso em mente, olhamos para a narrativa de *Ualalapi* como um discurso político cuja intenção era relativizar o projeto nacional da Frelimo. *Ualalapi* (1987) ficcionaliza a derrocada/destruição do Império de Gaza, retratando Ngungunhane como um soberano autoritário que se recusava a abrir mão do poder. Este Ngungunhane ficcionalizado, representação do próprio Samora Machel, leva-nos a interpretar a narrativa de *Ualalapi* (1987) como metáfora/metonímia do contexto social e político que o autor testemunhava e contribuía para construir.

Palavras-chave: Ualalapi, Ngungunhane, Samora Machel, Frelimo, Renamo, Associação dos Escritores Moçambicanos, Ungulani Ba Ka Khosa.

ABSTRACT

This paper aims to interpret the literary work *Ualalapi* (1987), published by the Mozambican writer Ungulani Ba Ka Khosa. To increase its legitimacy as a political entity ahead of the state, given the harsh military opposition performed by Renamo, Mozambique's President Samora Machel, Frelimo's leader since 1970, intended the immediate creation of a Mozambican national identity, by recovering

* Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
E-mail: joao_bortolotti@hotmail.com

and reshaping the symbolic significance of Ngungunhane, ruler of the old Gaza State. The process of ascribing a new political and symbolical meaning to Ngungunhane, to be transformed in the oldest national hero and approximated of Samora Machel himself, didn't happen without considerable amount of violence and authoritarian politics, aiming to extinguish the "tribalism", putting aside a diversity of ethnic values in the name of creating "Mozambican citizens". With that in mind, we look to the narrative of *Ualalapi* (1987), reading it as a political discourse that intended to relativize Frelimo's national project. *Ualalapi* (1987) fictionalizes the collapse/destruction of the old Gaza Empire, depicting Ngungunhane as an authoritarian ruler who refused to give up power. This fictionalized Ngungunhane, representation of Samora Machel himself, leads us to interpret the narrative of *Ualalapi* (1987) as metaphor/metonymy of the social and political context of which Ungulani bore witness, as well as contributed to frame.

Keywords: Ualalapi, Ngungunhane, Samora Machel, Frelimo, Renamo, Mozambican Writers Association, Ungulani Ba Ka Khosa.

Introdução

Neste artigo, propomos contextualizar a narrativa de *Ualalapi*, obra de estreia do escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, publicada em 1987. Olharemos para *Ualalapi* como um ato discursivo produzido em uma nação moçambicana em pleno conflito armado entre Frelimo e Renamo, dois grupos políticos a travarem guerra civil no país. A título de explorar a relação entre os textos analisados e o contexto que o autor testemunhava, bem como contribuía para construir, teremos diferentes aportes teóricos-metodológicos de história intelectual a serviço da análise.

Conforme detalharemos adiante, o projeto nacionalista da Frelimo se utiliza da figura de Ngungunhane, antigo régulo do Império de Gaza a resistir à colonização lusa no final do século XIX, ressignificado como o primeiro herói nacional moçambicano, na década de 80 do século XX. Propomos historicizar o texto de *Ualalapi*, não apenas como uma produção literária, mas também como discurso político, já que determinados elementos do projeto nacionalista da Frelimo estão ali atravessados de maneiras muito particulares. Tendo em mente que fazemos história intelectual, importa antes de mais nada expor em mais detalhes o contexto social, político e econômico subjacente ao projeto nacionalista da Frelimo.

No artigo "A construção da identidade nacional moçambicana no pós-independência: sua complexidade e alguns problemas de pesquisa", Marçal Paredes considera a divisão da construção do nacionalismo moçambicano em três períodos históricos distintos.

O primeiro destes períodos sendo anterior à luta armada pela independência e o segundo marcado pela guerra e, principalmente, pela formação da Frente de Libertação de Moçambique, a partir da união de diferentes movimentos que compartilhavam o desejo de fazer frente contra o regime colonial fascista salazarista/marcelista. Olharemos com mais atenção para o terceiro momento do processo, contexto de produção e publicação de *Ualalapi*, marcado pela “construção de um projeto nacional que visou à homogeneização do cidadão moçambicano, conforme determinado projeto político” (PAREDES, 2014, 132).

O autor lembra-nos das “múltiplas identidades étnicas existentes no espaço que durante o período colonial português foi sendo chamado de *Moçambique*”. (PAREDES, 2014, p. 139). A fim de entender como era pensada a questão nacional e étnica durante a luta anticolonial, Paredes analisa uma declaração da FRELIMO de 1967, cujo texto oficial, assinado por Eduardo Mondlane, afirma “[...] que a realidade étnica moçambicana não é nítida e simples”. (PAREDES, 2014, p. 141). Partindo disto, os diferentes grupos étnicos de Moçambique seriam:

NYANJA (ocupando as margens do lago Niassa), MACUA (ocupando as províncias de Moçambique, parte da Zambézia, Niassa e Cabo Delgado), YAU (ocupando a maior parte do Niassa), MACONDE (na província de Cabo Delgado, SENA (na Zambézia, Manica e Sofala), NDAU-NYAI-SHONA (Manica e Sofala), TSONGA-VATSUA-RONGA (maior parte da província de Gaza, Inhambane e Lourenço Marques)” (PAREDES, 2014, p. 141).

Adiante, o documento da FRELIMO reitera a importância da unidade nacional, utilizando como eixo o tronco linguístico comum aos diferentes grupos étnicos: “Em primeiro lugar, nós pertencemos à nossa família linguística Banto, caracterizada pela mesma forma gramatical, mesma origem das palavras, mesma estrutura de frases e períodos.” (MODNLANE, 1967 apud MUIUANE, 2009, p. 81-82 apud PAREDES, 2014, p. 142). Referenciando a estratégia do colonizador de apropriar-se das divisões culturais existentes entre os povos locais, o documento da Frelimo denuncia ainda que a conquista de Moçambique pelos portugueses fora causada pela falta de unidade entre os diferentes grupos étnicos a formarem a população.

É importante lembrar, porém, que a referência a estratégias utilizadas pelos portugueses durante o período colonial, quando mobilizada pela FRELIMO em discursos oficiais, está a serviço de alcançar o horizonte que o movimento de libertação almejava,

qual seja, a independência. Seguindo com a análise do caso moçambicano, Marçal Paredes lembra-nos de que o assassinato de Eduardo Mondlane, em 1969, culminaria na liderança de Samora Machel, em 1970. O então líder da Frelimo, agora partido único, retomaria e reestruturaria o projeto nacional idealizado por Mondlane. O projeto de ressignificação identitária de Samora Machel seria caracterizado por uma “ruptura radical com o passado – marcado pelo colonialismo português, pela exploração econômica burguesa, pelo racismo e pela cultura europeia assimilacionista” (PAREDES, 2014, p. 144).

O período em que o mencionado projeto nacionalista estava sendo executado é também o da fundação da Associação dos Escritores Moçambicanos (1982) e da subsequente criação da Revista Charrua (1984). Dentre tanto conteúdo trazido pela Revista, chama a atenção a ausência de qualquer referência a Samora Machel na edição a marcar os dez anos da independência do país.¹ Partindo desta perspectiva, propomos refletir sobre algumas publicações de Ungulani em diferentes números da Charrua, ao longo dos anos.

Tais textos, todos antecedentes ao lançamento de *Ualalapi*, foram publicados na edição de Junho de 1984, a primeira edição da Revista Charrua; na segunda edição, lançada em Agosto de 1984; e na oitava e última edição, publicada em dezembro de 1986. Na Charrua do mês de Junho de 1984, Ungulani reflete sobre a escrita literária como um processo de autoconstrução, um processo que marca o escritor de maneira definitiva, atravessando sua vida do começo ao fim. Segue trecho da crônica intitulada “A escrita, esse vírus!”.

Quero ser escritor. Não quero ser outra coisa. Quero que a escrita entre em mim e rebente com o corpo. Certo. Escreve. E se não conseguir? Não quero pensar nisso. A quantas pessoas este solilóquio não terá entrado na mente em momentos de angústia e felicidade? Aceitamos o desafio. Mas saibamos desde já que haverá, entre nós, perdulários, indivíduos que se preocuparão com a glória, deixando a escrita para um segundo plano. Esses, como muitos por aí pululam, anseiarão, rapidamente, que o seu nome troe com a força por vezes indevida à qualidade do seu trabalho. Outros haverá que darão as costas à glória e ao enaltecimento público, sem no entanto se enclausurarem em torres de marfim. E não faltarão os que se comprometerão com o seu meio, assumindo em toda a dimensão

¹ O exemplar da Revista Charrua que analisamos trata-se de uma edição comemorativa de trinta anos do surgimento. O compilado reúne todos os oito volumes do periódico, publicados entre 1984 e 1986.

a sua responsabilidade histórica. (...) Haverá de tudo neste grupo de jovens que hoje se agrega e lança o desafio excelso, diga-se, de querer ser escritor. E não esqueçamos que a inveja que acompanha a arte troará pelas costas de cada um como a mosca que nos persegue e perturba. Seria maravilhoso se crescêssemos num mundo harmonioso, com o texto a correr de mão em mão, respeitando a pluralidade que se está alteando em nós. É o meu sonho. Um sonho que não é utópico, pois a realidade e os princípios que se propugnam nesta gesta de construir um país maravilhoso retiram a utopia do sonho. Avancemos. (KHOSA, In: CHARRUA, 2016, Ano 0, nº1, p. 12).

A escrita lê-se nessa crônica como um desafio aceito por Ungulani e pelos demais jovens escritores, desafio de pensar uma nação moçambicana que os pudesse pertencer. Vê-se, de pronto, nas últimas linhas da crônica uma referência a tal desafio, a ser aquela “gesta de construir um país maravilhoso”. Na segunda edição, lançada em Agosto de 1984, Ungulani publica algo como um miniconto, intitulado “Morte inesperada”, que conta a história de uma mulher que perdeu seu filho Simbine, morto em um acidente com o elevador. A narrativa reflete sobre o choque de gerações característico da população moçambicana, sendo os mais velhos muito mais apegados a valores étnicos “autenticamente moçambicanos”, enquanto os mais jovens são mais afeitos à “modernidade” inicialmente trazida pela colonização europeia. A mãe de Simbine lamenta-se e culpa-se pela morte do filho, rememorando a época em que o amaldiçoou por não querer ir à escola, influenciado pelas opiniões do avô. Conforme citado abaixo, há um trecho desse miniconto com uma passagem quase idêntica a outra contida no capítulo final de *Ualalapi*, intitulado “O último discurso de Ngungunhane”.

Terás uma morte maldita, filho, disse-lhe, anos depois, o filho já adolescente, quando este recusava ir à escola, invocando razões já invocadas pelo avô, quando em redor do fogo que lançava chispas intermitentes à noite polvilhada de estrelas, afirmara que os pretos viveram séculos e séculos sem o quinino e o livro, e que sua vitalidade ia de gerações em gerações, e a sua história corria na memória fértil dos velhos que habitaram estas terras antes dos homens da cor de cabrito esfolado entrarem com o barulho das suas armas, sua língua, os seus livros e seus quininos. (KHOSA, In: CHARRUA, 2016, Ano 0, nº 2, p. 22)

Estes homens da cor de cabrito esfolado que hoje aplaudis entrarão nas vossas aldeias com o barulho das suas armas e o chicote do cumprimento da jiboiã. (...) Exigir-vos-ão papéis até na retrete,

como se não bastasse a palavra, a palavra que vem dos nossos antepassados, a palavra que impôs a ordem nestas terras sem ordem, a palavra que tirou crianças dos ventres das vossas mães e mulheres. O papel com rabiscos norteará a vossa vida e a vossa morte, filhos das trevas. (KHOSA, 2019, p. 89)

Caso não baste a passagem sobre “o barulho das armas dos homens da cor de cabrito esfolado” para lermos a gestação de *Ualalapi* ao longo dos anos em que a *Charrua* era publicada em Moçambique, chamamos ainda a atenção para outro detalhe sobre os textos de Ungulani lançados na revista. A edição número 8, lançada em dezembro de 1986, edição especial com textos em preparação, conta com um conto de Ungulani chamado “A morte de Mputa”. O conto se tornaria, na íntegra, o capítulo quatro da obra *Ualalapi*, publicada no ano seguinte.

A invenção dos heróis moçambicanos: Ngungunhane, Mondlane e Machel

Na Moçambique contemporânea, Samora Machel, Eduardo Mondlane e Ngungunhane são representados como “heróis”, ou “ancestrais fundadores”. Esta representação verifica-se, por exemplo, em localidades como a Praça Ngungunhane, em Manjacaze. Há, ainda, a Praça dos Heróis, que abriga o jardim dos Heróis Moçambicanos. No artigo “A invenção dos heróis: nação, história e discursos de identidade em Moçambique”, Fernando Bessa Ribeiro reflete sobre o processo de heroificação dessas duas figuras importantes para a história moçambicana: Ngungunhane, último soberano do Império de Gaza, e Eduardo Mondlane, primeiro presidente da FRELIMO.

O referido processo transpassou no terceiro período demarcado por Marçal Paredes, momento póstumo à independência do país, formalizada em 25 de Junho de 1975. O eixo da análise de Ribeiro é o fato de ambos, Ngungunhane e Mondlane, estarem intimamente ligados a Manjacaze. Para o autor, a construção da nação moçambicana “dependia, em boa medida, da eficácia da dicotomia *nós, os moçambicanos*, em oposição a *eles, os colonialistas*”. (RIBEIRO, 2005, p. 259):

Ou seja, tratava-se de transformar os habitantes do Estado moçambicano em cidadãos moçambicanos, apesar da sua vinculação a diferentes grupos étnicos e o uso de línguas locais muito diversas, através da acção estatal na produção de símbolos, liturgias e discursos [...] nos quais as figuras históricas elevadas

à condição de heróis ocupam uma posição fundamental. O trabalho de heroificação é inseparável da produção de uma memória colectiva de dimensão nacional por parte do Estado e seus agentes.” (RIBEIRO, 2005, p. 258).

Última capital de Ngungunhane, Manjacaze foi saqueada pelo exército português em Novembro de 1895. Ribeiro aponta ainda para a existência de diversas interpretações para o significado da palavra “Mandlakazi”, de origem zulu. Tais significados parecem ter-se perdido, “substituído(s) por um outro que acentua a sua condição de terra de lutas e de heróis, de mortes e sangue vertido” (RIBEIRO, 2005, 261). A invenção, criação e inculcação de um novo significado para Manjacaze nos levam de volta ao século XX.

Formada na Tanzânia, em 1962, sob as guardas de Julius Nyerere, durante os primeiros anos de sua existência a Frente de Libertação de Moçambique esteve dividida por violentos conflitos internos. Essa situação duraria até 1969, momento após o qual o movimento alcançaria unidade e coesão interna, às custas de perseguições políticas e expulsões de membros. Ter em mente a grave violência nos entornos da FRELIMO, desde a época de sua formação, é essencial para compreendermos o significado e a carga de determinados motivos narrativos da diegese de *Ualalapi*. Segundo o historiador Malyn Newitt²:

For the first five years of its existence FRELIMO was torn by increasingly bitter internal quarrels. Although these feuds were later described in ideological terms which reflected the political perceptions of the Cold War era, at the time they were fuelled by a variety of factors ranging from the ethnic hostility between the northern Makonde and the ‘southerners’, to personal rivalries which resulted in successive bids to lead the movement by Nkavandame, Mondlane, Simango and Machel, and to disagreements over the strategy and tactics to be adopted in the struggle with Portugal. The internal feuding led to outbreaks of violence in Dar es Salaam and to the assassination of Eduardo Mondlane in 1969. (...) After 1969 the party put its feuding behind at the price of expelling many of its earlier supporters. From that time FRELIMO, in marked contrast to the MPLA in Angola, remained united and remarkably cohesive first under the leadership of Samora Machel and then, after his death in 1986, under Joaquim Chissano, with exceptionally few public quarrels, internal struggles for power or breakaway groups. After 1969 its leadership and much of its effective

² As traduções de textos de Malyn Newitt são de nossa autoria. No caso de citações indiretas, optamos por deixar no corpo do texto do artigo a versão original, em inglês, deixando a tradução em nota de rodapé. No caso de citações diretas, optamos por deixar a tradução para o português no corpo do texto, para que a leitura fique mais fluida.

membership was drawn from the southern part of the country, and more specifically from the capital and the old Gaza province.(NEWITT In CHABAL, 2002, p. 189).³

Nascido em Setembro de 1920, em uma aldeia a norte da vila de Manjacaze, Eduardo Mondlane esteve por sete anos à frente da Frelimo, tempo no qual “fez um trabalho notável na organização do movimento e no aprofundamento da luta de libertação”.(RIBEIRO, 2005, p. 270). A expulsão pelo governo da África do Sul, onde frequentava a universidade, levou Mondlane aos Estados Unidos, onde prosseguiu com seus estudos e obteve títulos de doutor em sociologia e antropologia.

Após anos de trabalho nas Nações Unidas, Mondlane “afasta-se de todos os seus compromissos profissionais para se dedicar a tempo inteiro à causa nacionalista”. (RIBEIRO, 2005, p. 270). A visita de Eduardo Mondlane a Moçambique, após 10 anos de ausência, “revelar-se-ia decisiva para o seu trajecto de vida, estando na origem de uma virada que mudaria a própria história do país”. (RIBEIRO, 2005, p. 271). Acolhido com muita emoção em Manjacaze, Mondlane é confrontado com duas realidades:

Por um lado a impossibilidade de se persuadir o governo português a participar numa outra solução política para as suas colônias, por outro lado a receptividade de camadas significativas do povo moçambicano às causas nacionalistas. (RIBEIRO, 2005, p. 272).

Ribeiro insiste em lembrar-nos que esta visita a Moçambique teria um papel-chave na invenção do herói nacional Eduardo

³ Durante os primeiros cinco anos de sua existência a FRELIMO esteve dividida por amargas contendas internas. Embora esses feudos tenham mais tarde sido descritos em termos ideológicos que refletiam as percepções políticas da era da Guerra Fria, à época eles foram abastecidos por uma multiplicidade de fatores variando desde a hostilidade étnica entre os Makonde do norte e os “do sul”, até rivalidades pessoais que resultaram em sucessivas apostas para liderar o movimento feitas por Nkavandame, Mondlane, Simango e Machel, e discordâncias a respeito da estratégia e das táticas a serem adotadas no conflito com Portugal. As contendas internas levaram a surtos de violência em Dar es Salaam e ao assassinato de Eduardo Mondlane em 1969. (...) Após 1969 o partido deixou seus feudos para trás sob o preço da expulsão de muitos de seus antigos apoiadores. Deste momento em diante a Frelimo, em marcante contraste com o MPLA em Angola, permaneceu unida e notavelmente coerente primeiro sob a liderança de Samora Machel e então, após sua morte em 1986, sob Joaquim Chissano, com excepcionalmente poucos conflitos públicos, disputas internas por poder ou grupos dissidentes. Após 1969 sua liderança e muito de sua filiação efetiva se originou da parte sul do país, e mais especificamente da capital da antiga província de Gaza. (NEWITT In CHABAL, 2002, p.189).

Mondlane. Herói nacional moçambicano, herói da Frelimo, a heroicidade de Eduardo Mondlane é vinculada a valores populares, ao contrário do que acontece com Ngungunhane.

Na vida de Mondlane existem acontecimentos que acabam por ser amalgamados com o imaginário mitológico pelas gerações que vivem a heroificação [...] Mondlane está presente por toda a parte; é a egrégia estátua no cimo da principal artéria da cidade de Maputo, a avenida Eduardo Mondlane, à qual emprestou seu nome, bem como a muitas ruas das pequenas vilas e aldeias, bairros e escolas. Tudo contribui para a sua fixação na memória colectiva dos moçambicanos. [...] Nos discursos e nos textos sobre Mondlane encontramos de forma regular os elementos que a moldam, como a sobrevalorização das origens humildes e da ligação ao povo, a sublimação do papel da mãe, considerada a responsável pela inculcação da cultura de revolta contra colonialismo, e a exaltação da sua personalidade como homem honesto, afável e trabalhador. (RIBEIRO, 2005, p. 272).

Após o assassinato de Mondlane, a Fevereiro de 1969, em meio à violência das contendas internas ao movimento, coube a Samora Machel assumir a liderança da FRELIMO. Entre a primeira visita de Samora a Manjacaze, em 1975, época do conhecido percurso do Rovuma ao Maputo, e a segunda visita, em 1982, o discurso em relação à figura de Ngungunhane muda completamente. Em 1975, às vésperas da independência, “a Ngungunhane não coube qualquer papel preponderante, pelo facto de a liderança da Frelimo ainda não ter expurgado completamente os aspectos contraditórios e menos positivos da sua personalidade” (RIBEIRO, 2005, p. 267). O processo de heroificação de Ngungunhane se alteraria na década seguinte, dada “a urgência de reforçar a identidade e a coesão nacionais num contexto de guerra civil e agressão externa” (RIBEIRO, 2005, p. 268). A nova visita de Samora a Manjacaze, em 1982, marca uma verdadeira mudança política e institucional do discurso sobre a figura do antigo conquistador nguni, sendo estabelecida “uma ligação direta entre Ngungunhane e a nação moçambicana” (RIBEIRO, 2005, p. 268). Segundo Ribeiro, a estratégia era clara:

...ao agudizar da actividade operacional da Renamo no terreno havia que contrapor o reforço da identidade nacional e a fabricação de um herói que, pela sua oposição ao agressor comandado do estrangeiro, se constituísse numa referência ao novo ‘invasor’ (RIBEIRO, 2005, p. 268).

Tais eventos serviram para que a opinião pública fosse preparada para a visita do presidente Samora Machel a Lisboa, para negociar a “possibilidade de transladação dos restos mortais de Gungunhana, como o retorno do filho pródigo”. (GARCIA em TORGAL, PIMENTA e SOUZA, 2008, p. 145). A questão era que, tendo Ngungunyane falecido em 1906, tendo seu corpo sido enterrado no cemitério de Angra do Heroísmo, nos Açores, seria impossível que seus restos mortais fossem encontrados em Lisboa e transportados para Moçambique. Para resolver o impasse, “simbolicamente foi tirado do cemitério açoriano um pedaço de terra, que foi colocado numa pequena urna”(GARCIA, em TORGAL, PIMENTA e SOUZA, 2008, p. 145). Tal fato teria sido dado a conhecimento de Samora Machel.

Finalmente, então, a 15 de Junho de 1985, dia do 10º aniversário da independência, “os restos mortais de Gungunhana chegavam a Maputo”. (GARCIA, em TORGAL, PIMENTA e SOUZA, 2008, p. 145). A transformação do significado político da figura de Ngungunhane estaria completa com a “exaltação final”: as exéquias fúnebres. Conforme lembra Ribeiro, “disso se trataram efetivamente as cerimônias realizadas em 15 de Junho de 1985 na cidade de Maputo.” (RIBEIRO, 2005, p. 269). Passado esse marco, “estava finalmente fabricado o primeiro dos grandes heróis do Estado moçambicano.” (RIBEIRO, 2005, p. 269).

Ualalapi e história intelectual

Passada essa breve exposição e análise do contexto histórico e político do projeto nacionalista da Frelimo, momento marcado pelo conflito armado entre Frelimo e Renamo, não deixamos de lado o fato de estarmos fazendo história intelectual. Acreditamos que os postulados de determinados historiadores inscritos no chamado “contextualismo linguístico” estarão bem à serviço da história que desejamos escrever, que estamos escrevendo.⁴

⁴ O primeiro deles, John Pocock, pertence ao mundo de fala inglesa, sendo suas análises predominantemente concentradas na história de seu próprio país, a Inglaterra. A abordagem de Pocock parte de uma analogia com a linguística de Ferdinand de Saussure, dedicando-se a fazer história do discurso político olhando para tais discursos como “atos de fala”. Para Pocock, a tarefa do historiador é a de recuperar, reconstruir o “contexto linguístico” do passado em que determinado autor enunciava seus discursos e produzia seus atos de fala.

Tal contexto seria o de uma comunidade discursiva, uma comunidade de “falantes” de determinada linguagem política. Segundo as formulações de Pocock, o historiador do discurso político deve aprender, assimilar a linguagem política a caracterizar o contexto

Os objetivos de Samora em se utilizar da memória de Ngungunhane para muscular sua legitimidade e a da Frelimo são melhor compreendidos quando consideramos a crise econômica que a nação vivia, em meio à gravidade da guerra contra a Renamo. Nos primeiros anos após a independência, conforme defende Malyn Newitt, a Frelimo acreditava que deveria ser conduzida uma reforma econômica radical no país. Tal reforma estaria nos maiores interesses da nação, afinal, “para ser realmente independente Moçambique tinha de se libertar de sua sujeição econômica à África do Sul, à Rodésia e a Portugal.” (NEWITT In CHABAL, 2002, p. 195).⁵ Conforme o discurso oficial frelimista, a mencionada sujeição econômica estaria personificada na oposição operada pela Renamo, movimento considerado inimigo da nação e agente do colonialismo. Segundo o autor:

linguístico que se propõe a estudar. Porém, deve fazê-lo não para ser capaz de reproduzir a linguagem do passado, mas para descrevê-la em sua própria linguagem. Tais atos de fala, a chamada *parole*, na mesma medida em que são produzidos apenas a partir do que é possibilitado pela *langue*, agem sobre ela, podendo transformá-la e até inová-la.

A analogia com a linguística saussureana presta-se bem à história do discurso político, da maneira elaborada por Pocock. Trata-se de situar indivíduos em constantes diálogos, analisando as disputas políticas e ideológicas a partir de atos de fala que são simultaneamente individuais, enunciados por sujeitos particulares, e coletivos, posto que um ato de fala é imbuído de determinado significado apenas a partir do momento em que é recebido por um interlocutor, que responde com sua própria *parole*. Segundo Pocock, tal formulação teórica, quando aplicada à prática do historiador, tem determinadas consequências.

“Primeiro: a *histoire* que nosso historiador escreve será fortemente *événementielle*, porque ele está interessado nos atos efetuados e nos contextos no interior dos quais e sobre os quais eles foram efetuados. (...) Segundo: a história que ele escreve será fortemente textual, feita de enunciações e respostas escritas e impressas (a maioria dos leitores dessas enunciações sendo, como veremos, conhecida do historiador, porque eles, por sua vez, se tornam autores). É uma história do discurso e da *performance* mais que de estados de consciência (embora, como veremos, não os exclua). (...) Terceiro: será também uma história da retórica, e não tanto da gramática, do conteúdo afetivo e efetivo do discurso, e não tanto de sua estrutura.” (POCOCK, 2013, pp. 66, 67).

Ainda que não se cumpra por completo apenas assim, o início da tarefa proposta por John Pocock, qual seja “recuperar” ou “reconstruir” os contextos linguísticos em meio ao qual foi produzida e publicada a obra “Ualalapi”, passaria pela exposição que fazemos dos meandros do projeto nacionalista de Samora, no teatro do conflito armado entre Frelimo e Renamo. Para o cumprimento dessa tarefa, considerando nosso objeto, deveríamos buscar a documentação mais vasta possível acerca dos registros político-ideológicos da Frelimo, buscando situar as diferentes correntes internas do movimento de libertação. Ainda, em oposição a isso, caberia explorar com bastante profundidade a obra completa de Ungulani, bem como a de outros escritores moçambicanos testemunhas e agentes do mesmo contexto.

⁵...to be truly independent Mozambique had to break away from its economic subjection to South Africa, Rhodesia and Portugal. (NEWITT In CHABAL, 2002, p. 195).

The FRELIMO leadership attempted a radical reconstruction of Mozambique's society and economy at a time when, as a result partly of natural disasters and partly of the chaos of the decolonization process, the machinery of government and the economic infrastructure of the country were on the verge of collapse, and when southern Africa itself was about to sail into the eye of the geopolitical storm which marked the final phase of the Cold War.(NEWITT, In CHABAL, 2002, p. 195).⁶

É marcante, também, o caráter autoritário das políticas culturais e econômicas da Frelimo neste contexto. Como parte das reformas modernizadoras da economia, “Machel e seus associados viam-se como construtores de um novo estado-nação que não reconheceria diferenças de etnicidade ou raça.” (NEWITT, In CHABAL, 2002, p. 196). Nas palavras do próprio Samora: “nós matamos a tribo para dar à luz a nação”. (NEWITT, In CHABAL, 2002, p. 196).⁷ A intenção de “matar a tribo” implicava no aumento da lista de “agentes do colonialismo” a serem considerados “inimigos da nação”. Tal categoria não mais se limitaria ao domínio político/econômico exercido por uma metrópole estrangeira, como no período da guerra pela independência, mas abarcaria também estruturas sociais e econômicas internas, no passado utilizadas por colonos para contribuir com a manutenção do sistema colonial. Conforme Newitt:

This included traditional chiefs (*régulos*) and heads of families, and religious organizations as well as plantation companies and industrial complexes controlled by Portuguese or multinational companies. The Portuguese colonial government in Mozambique had created a modern economic sector round the coastal cities which was served by a skilled and educated class of professionals. The rest of the country had been systematically excluded from this modern sector. Traditional society based on the customary utilization of land, had not been disrupted, as it had in South Africa, by expulsion from the land and had been left virtually untouched by western literacy and education. This society was still dominated by heads of families and chiefs who operated within a framework of customary law.

⁶ A liderança da Frelimo tentou uma radical reconstrução da sociedade e da economia de Moçambique em uma época em que, como resultado em parte de desastres naturais e em parte do caos do processo de descolonização, a maquinaria de governo e a infraestrutura econômica do país estavam à beira do colapso, e em que a própria África meridional estava prestes a navegar para o centro da tempestade geopolítica que marcou a fase final da Guerra Fria. (NEWITT, In CHABAL, 2002, p. 195).

⁷ “Machel and his associates saw themselves as building a new nation-state which would not recognize differences of ethnicity or race.”(NEWITT, In CHABAL, 2002, p. 196). “...we killed the tribe to give birth to the nation” (NEWITT, In CHABAL, 2002, p. 196).

All of these groups now found themselves treated as agents of colonialism.(NEWITT, In CHABAL, 2002, p. 196).⁸

O autoritarismo que marcou o contexto das tentativas de reformas econômicas radicais, nos primeiros anos após a independência, também caracterizaria o contexto de produção e publicação de *Ualalapi*, já na década de 80. Retomando as considerações de Ribeiro, o autor defende que a narrativa de *Ualalapi*, a obra em si, é importante para a literatura e para a história moçambicanas por ser uma produção cultural/política/artística inscrita em uma perspectiva contra a corrente, contrária à narrativa oficial, como veiculada pelo Estado, pela Frelimo. Segundo Ribeiro, buscando relativizar, reescrever a história pelo texto literário, “Khosa coloca na voz de Ngungunhane palavras que nada têm a ver com Mondlane”. (RIBEIRO, 2005, p. 260). Porém, neste ponto, as ideias de Alberto Mathe parecem estar mais de acordo com o contextualismo da história intelectual que estamos a escrever. Segundo o autor:

Em *Ualalapi*, obra de estreia do escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, apresenta-se uma sucessão de tramas em que as ações e comportamentos repreensíveis das personagens são responsáveis pela deterioração da sua condição humana e desgraças daí resultantes. Transpondo as desgraças e os castigos para um plano real, pode-se questionar um conjunto de valores sociais, culturais e até históricos da sociedade moçambicana. (MATHE, 2012, p. 320). Assim, de uma forma geral, pretende-se estabelecer uma relação dialógica entre as figuras e fatos históricos de *Ualalapi* disfarçados em metáforas e metonímias de um universo ficcional que questiona e debate a verdade histórica. (MATHE, 2012, p. 320).

A narrativa de *Ualalapi*, em retratar a derrocada do reino de Gaza, de fato tece a representação de um Ngungunhane muito diferente daquele fabricado pela Frelimo. Porém, para além

⁸ “Isso incluiria chefes tradicionais (*régulos*) e líderes de famílias, e organizações religiosas, bem como empresas de plantation e complexos industriais controlados por Portugueses ou empresas multinacionais. O governo colonial Português em Moçambique havia criado um setor econômico moderno em torno das cidades costeiras que era servido por uma educada e especializada classe de profissionais. O restante do país havia sido sistematicamente excluído deste moderno setor. A sociedade tradicional baseada na utilização consuetudinária de terras não havia sido perturbada, como acontecera na África do Sul, por expulsão do território e havia sido deixada virtualmente intocada pela alfabetização e educação ocidental. Essa sociedade continuava sendo dominada por líderes de famílias e chefes que operavam dentro de uma estrutura de lei consuetudinária. Todos esses grupos agora viam-se tratados como agentes do colonialismo.” (NEWITT, In CHABAL, 2002, p. 196).

de se distanciar de Eduardo Mondlane, chama muito a atenção como o Ngungunhane de Ungulani se aproxima de Samora Machel. Na diegese de *Ualalapi*, Ngungunhane é representado como um déspota, tirano, violento e autoritário. Em dado momento da narrativa, discursa aos guerreiros nguni, recusando-se a abrir mão do poder, temente de que seu irmão, Mafemane, tente usurpá-lo, como Mawewe fizera com Muzila, pai de Ngungunhane. Suas palavras, abaixo citadas, para além de estarem repletas de intenções e condutas violentas e autoritárias, apontam para um futuro mítico que só poderá existir com ele no poder, a única alternativa sendo sua morte.

A história não deve repetir-se. O poder pertence-me. Ninguém, mas ninguém poderá tirar-me até à minha morte. Os espíritos poisaram em mim e acompanham-me, guiando as minhas ações lúcidas e precisas. E não irei permitir que haja a mesma carnificina como no tempo de entronização de Muzila, porque irei atuar já. Os homens que não me conhecem, conhecer-me-ão. Não vou partilhar o poder. Ele pertence-me desde que nasci do ventre de Lozio, minha mãe, a mulher preferida de Muzila. E serei temido por todos, porque não me chamarei Mudungazi, mas Ngungunhane, tal como essas profundas furnas onde lançamos os condenados à morte! O medo e o terror ao meu império correrão séculos e séculos e ouvir-se-ão em terras por vocês nunca sonhadas! Por isso, meus guerreiros, aguçai as lanças. Teremos que limpar, o mais urgente possível, o atalho por onde caminharemos, para que não possamos tropeçar com possíveis escolhos. (KHOSA, 2019, p. 19, 20).

Estes homens da cor de cabrito esfolado que hoje aplaudis entrarão nas vossas aldeias com o barulho das suas armas e o chicote do cumprimento da jiboia. Chamarão pessoa por pessoa, registando-vos em papéis que enlouqueceram Manua e que vos aprisionarão. Os nomes que vêm dos vossos antepassados esquecidos morrerão por todo o sempre, porque dar-vos-ão os nomes que bem lhes aprouver, chamando-vos merda e vocês agradecendo. Exigir-vos-ão papéis até na retrete, como se não bastasse a palavra, a palavra que vem dos nossos antepassados, a palavra que impôs a ordem nestas terras sem ordem, a palavra que tirou crianças dos ventres das vossas mães e mulheres. O papel com rabiscos norteará a vossa vida e a vossa morte, filhos das trevas. (KHOSA, 2019, p. 89)

Este segundo parágrafo citado, também extraído do texto de *Ualalapi*, está contido no capítulo final do livro, intitulado “O último discurso Ngungunhane”. Neste momento, já passada a guerra entre as forças nguni, que são derrotadas, e os militares portugueses em aliança com forças do povo tsonga, Ngungunhane esbraveja

intempéries proféticas e apocalípticas, anunciando a desgraça e a destruição como única consequência da traição das forças tsonga em aliar-se aos portugueses e causar a derrota do exército nguni. Pouco após isso, Ngungunhane é representado sendo aprisionado e levado ao exílio, momento que marca a destruição do império de Gaza.

As palavras de Ngungunhane, tanto no discurso dirigido aos guerreiros nguni quanto nas máximas apocalípticas que antecederam a sua captura, lembram bastante a conduta autoritária das políticas da Frente de Libertação de Moçambique, antes e depois da independência do país. Antes, se pensarmos nos surtos de violência em Dar-es-Salaam; depois, tendo em mente o autoritarismo não menos violento das políticas econômicas/sociais/culturais. Em *Ualalapi*, segundo a perspectiva proposta por Alberto Mathe, as próprias ações despóticas e autoritárias de Ngungunhane, traduzidas em seu discurso final, são a causa da derrocada/destruição do império de Gaza. A ascensão de Ngungunhane ao poder alude, simbolicamente, à subida de Samora Machel ao cargo de direção máxima da FRELIMO, bem como à existência de divergências internas ao movimento, antes e depois do assassinato de Eduardo Mondlane.

Além disso, a carga premonitória/apocalíptica de suas palavras, em recusar-se compartilhar o poder, e, depois, vendo-se irremediavelmente derrotado, em condenar seus adversários à destruição, ao pior dos destinos, lembra bastante algo dito por Samora. Conforme relata Alberto Mathe, “Samora proferiu um discurso similar um pouco antes de sua morte, dirigindo-se a Jacinto Veloso: “Se eu morrer, o que vai ser de vocês? Acho que vão matar-se uns aos outros!” (Veloso, 2007: 208)” (MATHE, 2012, p. 327). Mathe reitera esse ponto de vista, após o que menciona uma declaração, durante uma entrevista concedida por Ungulani ao também escritor Nelson Saúte, em que o entrevistado relata suas percepções acerca da figura de Samora Machel.

A figura de Samora, ao longo da Revolução, foi se aproximando de Ngungunhane pelo autoritarismo, a intolerância para conviver com a diferença, eliminando os opositores políticos do sistema, banindo as confissões religiosas, oficializando os julgamentos políticos e fuzilamentos que implantaram o medo e a veneração da figura do Presidente. Tal como o autor textual de *Ualalapi* manifesta uma apatia em relação ao imperador Ngungunhane, o autor empírico, Ba Ka Khosa, numa entrevista concedida a Nelson Saúte, afirmou:

Samora Machel um nome de que, sinceramente, nunca gostei. Nunca gostei porque, a primeira vez que o vi e ouvi, tive medo. Estava

em Quelimane na altura, notei que era um indivíduo com todas as características para ser um ditador. Se, naquele momento, ele me apontasse um dedo e dissesse: “Matem aquele fulano”, eu poderia ser um cadáver. (Saúte, 1998: 321). (MATHE, 2012, p. 326).

Exposta a percepção de Ungulani acerca de Samora Machel, não há como não lembrarmos das palavras do escritor no texto “A escrita, este vírus!”, publicado na Revista Charrua, em 1984. É a partir das palavras do autor neste texto que identificamos o papel da literatura trazida nos diferentes números da Charrua, qual seja o de um projeto de nação que aceite, acolha, a complexidade das diferentes realidades étnicas, sociais, culturais da população de Moçambique. Tendo *Ualalapi* sido gestado em diferentes publicações de Ungulani na Charrua ao longo dos anos, a representação ficcional de um Ngungunhane violento, conquistador autoritário, ao mesmo tempo que insurge como um antípoda ao Ngungunhane avançado pela Frelimo, imposto herói nacional, ergue-se como duplo empírico do próprio Samora Machel, face às suas políticas autoritárias.

Ualalapi e história intelectual: A Resistência Nacional Moçambicana

Tendo em mente que o esforço de Samora em aproximar-se de um Ngungunhane fabricado era justificado, em parte, pelo contexto de guerra civil, merece alguma atenção a forma como o movimentopositor era tratado pela retórica frelimista. A Renamo, referida como “bandidos armados”, era mencionada como um inimigo do Estado, que buscava apenas destruir a Frelimo, tendo como único propósito minar as políticas econômicas que beneficiariam a nação. Ainda, na retórica oficial, o movimento de oposição era tratado como sem agência, mero brinquedo, fantoche do colonialismo manipulado pelos interesses externos de Rodésia, África do Sul e Estado Unidos no teatro geopolítico internacional da Guerra Fria.

A biografia de Samora Machel, assinada pelo escocês Iain Christie, contribui com a manutenção da perspectiva frelimista da história, não apenas na maneira de retratar a Renamo, mas também em relatar a infância de Samora vinculada a Ngungunhane e ao império de Gaza. Conforme relata no prefácio, a despeito de não ser moçambicano, o autor conviveu com Samora Machel desde o começo da década de setenta, época em que decidiu que gostaria de ser seu biógrafo. Nas primeiras páginas do livro, está dito o seguinte:

Encontrei-me, pela primeira vez, com Samora Machel em Dar-es-Salam em 1971 e, pouco depois, decidi que gostaria de escrever a história da sua vida. Não parecia haver pressa, porque os acontecimentos estavam a tornar essa história dia a dia mais fascinante. Em 1975 eu e minha família mudámo-nos da Tanzânia para Moçambique onde pude continuar a acompanhar a vida de Samora. (CHRISTIE, 1996, p. 9).

Christie dá início à biografia retratando a época da morte de Samora Machel, em acidente de avião transpassado no espaço aéreo sul-africano, no dia 20 de Outubro de 1986, durante o retorno para Moçambique. Conforme o autor, “Samora Machel tinha ido à Zâmbia no domingo para uma cimeira com os presidentes da Zâmbia, de Angola e do Zaire.” (CHRISTIE, 1996, p. 13). Havendo controvérsia em torno das causas da queda da aeronave, Christie não declara categoricamente qual acredita ser a versão verdadeira, deixando em aberto seu posicionamento, ainda que dando a entender acreditar na existência de fortes evidências da culpa da África do Sul pela queda do avião. Christie sustenta que “[na] avalanche de asserções que emergiram da África do Sul nos dias que se seguiram ao despenhamento havia uma tentativa claramente discernível de absolver as autoridades de Pretória de toda a culpa. (CHRISTIE, 1996, p. 15). Segundo o autor:

Os sul-africanos tinham dado a notícia algumas horas antes mas a sua informação ou era deliberadamente incorreta ou eles não tinham informações correctas sobre a identidade dos mortos e sobreviventes. Um jornalista que eles disseram que tinha sobrevivido estava, na realidade, morto. Um guarda-costas, erroneamente descrito como o titular do Ministério da Defesa, foi apresentado como morto quando, na realidade, tinha sobrevivido com ferimentos graves. Como qualquer repórter sabe, o efeito desse tipo de anúncio pode causar um desgosto terrível aos familiares. A pressa é um mau substituto do rigor. O Gabinete de Informação do governo sul-africano certamente sabia disso mas estava a demonstrar que a verdade, neste caso, era menos importante do que os interesses do Estado de Pretória. (CHRISTIE, 1996, p. 15)

Em trecho seguinte, o autor segue com o detalhamento da repercussão do acidente pela África do Sul. Desta vez, delimitando mais seu julgamento, demarcando um posicionamento a respeito.

O avião tinha caído durante uma trovoada. O piloto soviético tinha estado a beber. O *Tupolev 134 A*, de construção soviética, tinha equipamento de navegação obsoleto. O piloto estava num hospital da África do Sul e estava a ser cuidadoso no que dizia

aos jornalistas, por causa das repercussões para as autoridades soviéticas.

Estas asserções tinham todas uma coisa em comum. Provou-se mais tarde que eram falsas.

Embora essa falsidade não seja, de forma alguma, prova de que a África do Sul deliberadamente provocou o despenhamento, um júri independente pode bem perguntar: para quê mentir se não houver nada a esconder? Alguém na África Austral tem, de facto, alguma coisa a esconder. (CHRISTIE, 1996, p. 15)

Em se tratando de uma biografia que se conforma com a retórica frelimista, ainda que o autor não declare categoricamente acreditar que a queda do avião que causou a morte de Samora Machel tenha sido provocada pela África do Sul, meramente insinuar que haja grandes possibilidades de que tenha sido, basta. E, de fato, seguindo com a leitura, Christie inicia o primeiro capítulo construindo a memória da vida de Samora, desde a primeira infância, como sendo fortemente ligada ao Império de Gaza, a Ngungunhane. Em fazê-lo, Christie adota a construção frelimista da memória do império de Gaza, enaltecido como um espaço de lutas heroicas de resistência ao colonialismo. Segundo o autor:

Samora Machel vinha de uma tradição de resistência contra a dominação colonial portuguesa. O seu avô paterno foi um combatente na guerra de resistência dirigida pelo imperador de Gaza, Gungunhana, que foi capturado (ou se rendeu; as versões diferem) e mandado para o exílio em 1895. O chefe do Estado-Maior do exército de Gungunhana, um general chamado Maguiguane Khosa, manteve a luta durante mais de dois anos antes de ser igualmente derrotado.

O Império de Gaza tinha sido estabelecido no princípio do século XIX pelos Ngunis, dirigidos por Soshangane, que tinha vindo do que é hoje a África do Sul. Soshangane conseguiu estabelecer sua autoridade sobre os Tsonga e outros povos da área e Gungunhana herdou um império de um tamanho considerável que desafiava diretamente os esforços dos portugueses para conseguir algo mais do que o controlo nominal do Sul de Moçambique.

Nas guerras da década de 1890, Maguiguane Khosa foi capaz de levantar um exército de cerca de 20.000 homens, incluindo oficiais tsongas, como o avô de Samora Machel.

As memórias da guerra de resistência em Gaza vão sendo transmitidas oralmente e meio século mais tarde Samora iria ouvir os velhos a recordar o avô Machel e as cicatrizes no seu corpo feitas pelas balas dos portugueses. Mas, como ele lembraria muitos anos mais tarde, as histórias não eram só sobre heroísmo: “O meu pai costumava contar-nos a brutalidade da invasão [portuguesa],

a desumanidade da invasão, a maneira como tratavam as pessoas que eram feitas prisioneiras”.

No tempo em que Samora Machel crescia havia – e ainda há hoje – em Chilembene um grande, proeminente símbolo da resistência em Gaza. É uma árvore velha e esplêndida, a cerca de uma hora de caminho de casa onde Samora foi criado. A sua generosa capa de folhas e ramos fazia dela uma escolha natural para Maguiguane receber visitantes e as pessoas da zona dizem que era lá que ele presidia à sua corte. Era também um lugar útil para os jovens pastores da Chilembene deste século apanharem alguma sombra enquanto guardavam o gado da família e para meditar sobre o passado, o presente e o futuro. Diz-se que o jovem Samora era visto muitas vezes debaixo daquela árvore; e se as glórias do Império de Gaza estavam entre os seus pensamentos, também o deviam estar as peculiaridades do colonialismo português no seu próprio tempo. (CHRISTIE, 1996, pp. 27, 28).

Uma biografia que se propõe a narrar o início da vida de Samora Machel como sendo fortemente vinculado às terras do Império de Gaza, construído como um espaço de lutas heroicas contra o colonialismo português, não é inocente, menos ainda neutra. Este ponto do texto de Christie, além da intenção do autor em retratar a infância de Samora associada à memória de Ngungunhane (que teria sido transmitida a Samora Machel por tradição oral) como um herói da resistência contra o colonialismo, faz lembrar o projeto nacionalista da Frelimo, parecendo estar a serviço do mesmo. Chamam atenção, também, as referências à Resistência Nacional Moçambicana, que Christie extrai de um relatório de autoria de Alberto Chipande. Segundo o autor:

Esta é a primeira referência da Frelimo a *bandidos armados*, expressão que, no período pós-independência, havia de se tornar a designação normal de Samora para os rebeldes apoiados pelo rodesianos, sul-africanos e malawianos. Como aparece claro no relatório de Chipande, este epíteto não era apenas uma forma pejorativa de designar os inimigos da Frelimo. Ela era entendida como uma descrição correcta de pessoas que tinham “degenerado” até ao nível do terrorismo e do saque como forma de acção armada. (CHRISTIE, 1996, p. 66)

Ao princípio, segundo parece, o objectivo deste grupo era simplesmente recolher informações e desestabilizar Moçambique para tentar fazer com que passasse o apoio aos combatentes da liberdade do Zimbabwe. Mais tarde o objetivo declarado era derrubar o governo de Samora Machel em Moçambique. Não o conseguiram fazer mas conseguiram matar milhares de moçambicanos. (CHRISTIE, 1996, p. 69)

Pensando em representações da Renamo, vale lembrarmos das palavras de Ngungunhane em seu derradeiro proferimento, logo antes de ser capturado e enviado ao exílio pelos portugueses, conforme retratado no capítulo final de *Ualalapi*. Caso dedicarmos algum tempo para reler com atenção aquele trecho, perceberemos que o soberano nguni dirige boa parte de suas premonições apocalípticas aos guerreiros do povo tsonga que se aliaram aos portugueses na guerra contra Gaza. O significado de *Ualalapi* estando entrelaçado ao contexto social/político/econômico testemunhado pelo autor, vide determinada analogia da vida social com o procedimento textual⁹, a aliança entre os colonizadores

⁹ A despeito de sustentarmos que seja fortuita a analogia com a linguística, parte do movimento mais amplo nomeado “giro linguístico”, a marcar a prática dos historiadores intelectuais, resta-nos ainda alguma dúvida sobre a efetiva viabilidade de se valer apenas das formulações teóricas de Pocock sobre comunidades discursivas e atos de fala no momento de olhar para “Ualalapi” como uma fonte documental. Tendo em mente o tipo de carga que vimos conter a diegese de Ualalapi, parece-nos faltar nas ideias de Pocock recomendações sobre como olhar historicamente para textos literários de maneira adequada.

Portanto, para além de apenas “recuperar” a *langue* ou “reconstruir” a comunidade discursiva em que se inseriam os membros da Associação de Escritores Moçambicanos, instituição que publica a primeira edição de Ualalapi; ainda, para além de simplesmente defender e argumentar elaboradamente que a “real motivação” de Ungulani em escrever e publicar “Ualalapi” teria sido relativizar o projeto de nação da Frelimo, acreditamos que as reflexões de La Capra sobre os problemas do predomínio do chamado enfoque documentário na história intelectual, bem como sobre o valor do enfoque de “ser-obra” para lermos textos literários, são essenciais no momento de transformar em fonte histórica uma produção como Ualalapi. Segundo La Capra: “O predomínio do enfoque documentário na historiografia é uma das razões cruciais pelas quais os textos complexos – em especial os “literários” – são excluídos do registro histórico pertinente ou bem se leem de uma maneira bastante reduzida. Dentro da história intelectual, a redução assume a forma da análise sinóptica de conteúdos, no método mais narrativo, e a de uma identificação não problemática de objetos ou entidades de interesse histórico, na história das ideias. (...) Poucas vezes se examina como funcionam realmente essas estruturas em textos complexos, ou apenas se lhes presta uma atenção marginal.” (LA CAPRA, In: PALTI, 1998, pp. 249, 250). “Uma compreensão diferente da história intelectual como uma história de textos pode permitir uma formulação mais convincente de problemas introduzidos por enfoques já estabelecidos e um intercâmbio reciprocamente mais informativo com o tipo de história social que relaciona discurso e instituições. (LA CAPRA, In: PALTI, 1998, pp. 251, 252)

Dado que, segundo o autor, o historiador se apresenta como intérprete de restos textualizados do passado de determinada sociedade, conforme a mencionada analogia entre processos textuais e a própria vida social e individual, a história intelectual desejada por La Capra, uma história de textos, lê-se bem como um aperfeiçoamento de algumas partes das ideias de John Pocock. O historiador de Pocock é um observador externo ou panorâmico, que deve assimilar a linguagem dos atores de determinada sociedade do passado, para interpretar e descrever determinado

portugueses e o exército tsonga contra as forças de Ngungunhane, retratada na diegese, soa como uma analogia feita ao conflito entre Frelimo e Renamo. Conforme a retórica frelimista, perspectiva na qual está inscrita, por exemplo, a biografia da Samora escrita por Iain Christie, não havia espaço para referências à Renamo como qualquer coisa mais significativa do que “bandidos armados”, “fantoques do colonialismo”, “inimigos da nação”, ou outras expressões pejorativas.

O fato de Ungulani ficcionalizar a guerra que levou à destruição do império de Gaza como uma referência simbólica ao conflito armado entre Frelimo e Renamo, dando à aliança entre os exércitos português e tsonga o mesmo espaço de narrativa que é dado à representação das forças nguni, aliança que leva à destruição do império de Gaza, obriga-nos a interpretar *Ualalapi* como um discurso político inscrito uma perspectiva completamente oposta à versão frelimista da história de Moçambique. A partir disso, estando dado o fato de que Ngungunhane e o império de Gaza são representados na diegese de *Ualalapi* como metáforas/metonímias de Samora Machel e da Frelimo, respectivamente, parece adequado interpretar a representação da aliança entre os exércitos português e tsonga como uma metáfora/metonímia da Resistência Nacional Moçambicana. Vale reiterar, tal interpretação permite-nos interpretar *Ualalapi* como uma produção discursiva alheia à perspectiva frelimista da história, verdadeiramente contra a corrente.

Considerações finais

Neste artigo, propusemos olhar para a obra *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa, como um produto do contexto que o autor testemunhava à época em que o texto foi produzido, contexto que contribuiu para construir. Nossas reflexões conduziram a conclusões que consideramos bastante ricas, quiçá inovadoras. Notamos que o texto de *Ualalapi*, ao representar Ngungunhane como um tirano autoritário, metáfora/metonímia de Samora Machel, e ao retratar a aliança entre os exércitos português e tsonga contra as forças nguni, representações simbólicas da Renamo e da Frelimo, constitui um exemplo de discurso alheio à perspectiva frelimista da história moçambicana. Portanto, parece acurado interpretar *Ualalapi*

contexto de disputas políticas. O historiador de La Capra é, vias de regra, um leitor. A partir disso é que o autor defende a importância de se evitar uma leitura simplesmente documentária de um texto, que considera irremediavelmente redutora, a limitar o olhar do historiador em interpretar o texto de produções como *Ualalapi*.

(produção gestada ao longo dos anos 1980, em diferentes números da Revista Charrua) como uma manifestação tão literária quanto política do debate acerca da construção da nação moçambicana.

REFERÊNCIAS:

- CHRISTIE, Iain. **Samora: uma biografia**. Editora Ndjira. Maputo. 1996.
- GARCIA, José Luís Lima. **O mito de Gungunhana na ideologia nacionalista de Moçambique**. In: TORRAL, Luís Reis. PIMENTA, Fernando Tavares. SOUSA, Julião Soares. **Comunidades Imaginadas: Nação e Nacionalismos em África**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.
- KHOSA, Ungulani Ba Ka. **A Escrita, Esse vírus!**. In CHARRUA – Revista Literária: edição comemorativa dos 30 anos. Ano 0. nº 1. p. 12. Maputo. Alcance Editores. 2016.
- KHOSA, Ungulani Ba Ka. **Morte inesperada**. In CHARRUA – Revista Literária: edição comemorativa dos 30 anos. Ano 0. nº 2. p. 22. Maputo. Alcance Editores. 2016.
- KHOSA, Ungulani Ba Ka. **Ualalapi**. Editora Alcance. 2019.
- LACAPRA, Dominick. **“Repensar la historia intelectual y ler textos”** In: PALTI, Elias José. **Giro Lingüístico e História Intelectual**. Buenos Aires. Universidad Nacional de Quilmes, 1998.
- LACAPRA, Dominick. **Rethinking Intellectual History**. New York. Ithaca. 1987.
- MATHE, Alberto. **Samora em diálogo com Ngungunhane: a metáfora dessacralizadora da figura do herói em Ualalapi**. Conto interpolado: ciclo de contos. n. 9. 2012. Universidade de Aveiro. Portugal. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/2348/2207>>. Acesso em: 07 de julho de 2019.
- NEWITT, Malyn. **Mozambique**. In CHABAL, Patrick. **A history of postcolonial lusophone Africa**. Indiana. Indiana University Press. 2002.
- PAREDES, Marçal de Menezes. **A construção da identidade nacional moçambicana no pós-independência: sua complexidade e alguns problemas de pesquisa**. Anos 90. Porto Alegre. 2014
- POCOCK, John. **Linguagens do ideário político**. EDUSP. São Paulo. 2003.
- RIBEIRO, Fernando Bessa. **A invenção dos heróis: nação, história e discursos de identidade em Moçambique**. Departamento de Economia e Sociologia. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 2005

Recebido em: 01/09/2019

Aprovado em: 29/10/2019